

VIVER, APRENDER, MUDAR: O CONHECIMENTO DE SI COMO APRENDIZADO MUTANTE

LIVE, LEARN, CHANGE: SELF-KNOWLEDGE AS MUTANT LEARNING

Adeilton Dias Alves¹
Geovânia da Silva Toscano²

RESUMO

Este estudo objetiva refletir a respeito da vinculação entre vida, aprendizagem e mudança, enquanto processo complexo de produção de si mesmo pelo sujeito humano na interação com o outro. Trata-se de uma investigação de caráter teórico cujo ponto de partida é a concepção de sistemas vivos, discutida por autores como Capra (2005), Prigogine (2011), Morin (2005), Maturana e Varela (2001). Apresenta uma discussão sobre o ser humano situando-o na qualidade de sistema vivo, demonstrando como nossa história é marcada por um devir estrutural no qual estamos constantemente mudando. A incerteza nos remete ao absurdo, mas também nos relembra e religa ao nosso sentido de humanidade. Acolhendo a incerteza, talvez seja possível compreender os condicionamentos e as possibilidades que nos fazem, que se fazem em nós, e que fazem de nós seres que podem experimentar uma sensação de liberdade à medida que avançam em seu processo de autoconhecimento.

Palavras-chave: Sistemas Vivos. Mudança. Autopoiese.

ABSTRACT

We aim to reflect on the link between life, learning and change, while complex process of production itself by the human subject in interaction with others. This is a theoretical character of research where our starting point is the design of living systems, discussed by authors such as Capra (2005), Prigogine (2011), Morin (2005), Maturana and Varela (2001). We opened a discussion on the human placing it as a living system, demonstrating how our history is marked by a structural becoming where we are constantly changing. Uncertainty leads us to the absurd, but also reminds us and reconnection to our sense of humanity. Welcoming the uncertainty, maybe we can understand the constraints and possibilities that make us, that make with us, and make us beings that can experience a sense of freedom as they advance in their self-knowledge process.

Keywords: Living Systems. Change. Autopoiesis.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN (2015). E-mail: adeilton_dias@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4205637509102525>

² Professora Adjunta da UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN. Doutorado em Ciências Sociais pela UFRN (2006). Líder do Grupo de Pesquisa Ciências Sociais, Cultura e Educação (UFPB). Email: geotoscano@gmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5215765397026167>

INTRODUÇÃO

Neste artigo, refletimos a respeito do ser humano como sistema vivo, compreendendo aprendizado e mudança como características intrínsecas ao processo de continuidade da vida. Falamos de um humano que produz a si mesmo continuamente num processo de aprendizagem que é autoexorreferenciado, segundo Edgar Morin (1994).

O texto apresenta essa discussão e algumas considerações a esse respeito, lançando provocações que possam gerar outras reflexões. Essas questões têm implicação em áreas ou temas como educação, relações de ensino-aprendizagem, entre diversas outras nas ciências humanas e sociais. São temas discutidos por autores como o filósofo Jidu Krishnamurti (1953) e o biofísico Henri Atlan (2004), que contribuem para repensarmos velhos problemas que sempre causam controvérsias no meio científico, como, por exemplo, a relação entre determinismo e liberdade.

O pensamento não tem fronteiras. Portanto, discutir nas ciências sociais a contribuição de físicos, biólogos, químicos, enfim, de representantes das ciências naturais, não significa de forma alguma uma tentativa de redução. Ao contrário, implica uma tentativa de reconciliação. Enfrentar os fenômenos estudados naquilo que eles nos demandem em termos de estratégias, abordagens, estruturas conceituais, entre outras, exige certa coragem e desprendimento.

As descobertas e proposições das ciências naturais a respeito da cognição não podem ser ignoradas nas ciências sociais, posto que as relações sociais também implicam processos complexos de cognição em que os indivíduos estão

continuamente aprendendo e mudando a si mesmos e aos outros. A compreensão gradual dessas contribuições pode fazer despontar outras possibilidades de investigar os fenômenos sociais, e talvez até diminuir certas lacunas interpretativas que nos foram legadas pela hiperespecialização, que nas ciências, de um modo geral, operou uma fragmentação do conhecimento em proporções desastrosas, nunca antes testemunhadas na história do fazer científico.

VIVOS E APRENDENTES

Para discutirmos o ser humano, é importante considerá-lo desde sua condição de sistema vivo, pois isso nos dirá muito sobre como o ser humano muda na relação com o outro e com o ambiente. O físico teórico Fritjof Capra (2005) anuncia que está surgindo uma nova compreensão dos sistemas vivos. Ele está se referindo a novas formas de abordar o fenômeno da vida, que desde a segunda metade do século XX têm influenciado diversos pesquisadores das diversas áreas das ciências. Seu trabalho sintetiza como vêm sendo construídas algumas reflexões e estudos a respeito do conhecimento da vida. Desde Descartes temos fortalecido uma visão sobre o mundo e sobre nós mesmos que separa, compartimenta as partes que nos compõem, como peças estanques de uma máquina, previsível pelo estudo em separado de seus componentes.

Autores como Morin (2005), Ilya Prigogine (2011), Humberto Maturana e Francisco Varela (2001) dedicaram-se a discutir a vida a partir da noção de sistemas vivos. Quando estamos acostumados

a ter um olhar disjuntivo sobre o que é vivo, que separa o que vê por meio de partes, como estratégia de conhecimento, olhamos para as coisas, a natureza, o mundo a nossa volta e até a nós mesmos visualizando partes, fatos ou fenômenos isolados, acontecimentos mais ou menos ordenados. Quando olhamos assim, vemos uma ordem artificial, criada pelas lentes que utilizamos para ler o mundo. Talvez se olhássemos com lentes mais integrativas que disjuntivas nos deparássemos com o caos.

Morin (2005) define o caos como uma desordem que é levada ao seu extremo, como dispersão generalizada, desintegração organizadora. Nosso anseio por certeza e estabilidade nos impede de compreender o caos de outra maneira que não algo pejorativo. Portanto, impede-nos de compreender a vida de forma mais profunda. Queremos previsibilidade, queremos entender o jogo da vida para empreender estratégias teleológicas, ou seja, orientadas para um fim. Temos o anseio por controlar e dominar o nosso destino e o dos outros.

Sem a obsessão pela certeza e pelo controle, podemos nos arriscar numa compreensão diferente a respeito da vida. Podemos entender que “há uma ordem no caos” (GLEICK, 1989). Há certa regularidade, ainda que difícil de ser captada por nossa percepção. Os sistemas vivos se organizam por meio de um padrão, apresentam certa ordem. “O padrão de organização determina as características essenciais de um sistema” (CAPRA, 2005, p. 135).

O padrão revela o fenômeno da organização da vida e, nos dias atuais, interpretamos que a vida organiza-se em rede. A noção de rede é compreendida como

pertinente à compreensão geral da vida: “Onde há vida, há redes” (CAPRA, 2005). Esse padrão revela uma auto-organização. Em outras palavras, os sistemas vivos apresentam um padrão de auto-organização que é constitutivo de sua qualidade de vivo. E o ser humano está implicado nessa afirmativa, pois é também e ao mesmo tempo, antes de tudo, um sistema vivo.

A auto-organização de um sistema é conhecida como autopoiese, que é a capacidade do sistema vivo de produzir a si mesmo, de renovar-se continuamente e assim manter-se vivo. A esse respeito, Capra (2005, p. 134, grifo do autor) apresenta a noção de auto-organização da seguinte forma:

O padrão de organização de qualquer sistema, vivo ou não-vivo, é a configuração de relações entre os componentes do sistema que determinam as características essenciais desse sistema. Em outras palavras, certas relações devem estar presentes para que algo seja reconhecido como — digamos — uma cadeira, uma bicicleta ou uma árvore. Essa configuração de relações que confere a um sistema suas características essenciais é o que entendemos por seu padrão de organização.

Há um conjunto organizado de relações que constitui o ser vivo. A auto-organização de um sistema não é um fenômeno isolado. Esse padrão de relações entre seus componentes se dá numa determinada estrutura. Para Capra (2005), padrão e estrutura formam a base para compreender os sistemas vivos. Ele nos apresenta o seguinte conceito para estrutura:

A estrutura de um sistema é a incorporação física de seu padrão de

organização. Enquanto a descrição do padrão de organização envolve um mapeamento abstrato de relações, a descrição da estrutura envolve a descrição dos componentes físicos efetivos do sistema — suas formas, composições químicas, e assim por diante (CAPRA, 2005, p. 134, grifo do autor).

Existe uma relação indissociável entre estrutura e auto-organização. Isso talvez também possa nos suscitar reflexões a respeito da estrutura da personalidade humana e seus padrões organizativos. A estrutura de um sistema vivo não é imutável, pois esses sistemas evoluem pela capacidade de continuamente produzirem a si mesmos – autopoiese. Isso nos indica que nós humanos, como seres vivos que somos, estamos constantemente produzindo a nós mesmos. Muito embora alguns de nós não percebamos, estamos continuamente mudando ainda que nossa mudança muitas vezes conserve um determinado padrão, denotando uma – por vezes falsa – sensação de estabilidade.

Podemos aprender com os seres vivos que a mudança é uma constante. Estamos em relação com o meio, em constante intercâmbio de energia. Estes processos vitais permitem a continuidade da vida. Nesse sentido, Capra (1997, p. 134) afirma que “há um incessante fluxo de matéria através de um organismo vivo”. Isso também indica que a todo momento, estamos trabalhando por nossa sobrevivência enquanto sistemas vivos, e um resultado desse trabalho é a mudança. A estrutura de um sistema vivo possui a capacidade de mudar, desde que esse ser vivo conserve sua auto-organização. Para compreendermos melhor a noção de processos, vejamos a definição apresentada por Capra (2005, p. 134-135):

O processo da vida é a atividade envolvida na contínua incorporação do padrão de organização do sistema. Desse modo, o critério do processo é a ligação entre padrão e estrutura... No entanto, no caso de um organismo vivo, o padrão de organização está sempre incorporado na estrutura do organismo, e a ligação entre padrão e estrutura reside no processo da incorporação contínua.

Disso percebemos que há intrínseca ligação entre estrutura, auto-organização e processos vitais. Esses três componentes fazem parte do padrão dinâmico e complexo que sustém a vida, conforme Capra (1997, 2005). E durante a vida nós somos sempre afetados por desordens de todo tipo. Se a desordem que nos afeta – que força em nós a mudança de nossa estrutura – for demasiado intensa, nossa capacidade de nos autoproduzir fica ameaçada e, portanto, o ser vivo é levado ao limite que ao mesmo tempo une e separa vida e morte, ou seja, pode morrer. Nessa direção, Capra (2005, p. 146) também argumenta que

[...] pesquisas recentes indicam fortemente que, no organismo humano, o sistema nervoso, o sistema imunológico e o sistema endócrino, os quais, tradicionalmente, têm sido concebidos como três sistemas separados, formam na verdade uma única rede cognitiva.

Assim como os demais seres vivos, nós humanos somos um conjunto de relações que até o momento tem dado certo. Cada um de nós é um nó da grande rede, um elo da grande corrente humana. Talvez o que nos distinga dos demais seres vivos é que somos indivíduos conscientes de que temos esperanças, sonhos e desejos. Como afirma Jake, personagem

da série de TV denominada *Touch*³: “Mas sabemos que o que parece um indivíduo, é na verdade uma rede. Somos feitos de dezenas de sistemas. Cada ser humano é uma comunidade viva respirando” (LAWRENCE, 2012).

Prigogine (2011) chama nossa atenção para o fato de que a estrutura dos seres vivos é um sistema aberto. Maturana e Varela (2001) concordam que nossa auto-organização é um sistema fechado. Desde esse ponto de vista, somos, então, um curioso sistema que é aberto em sua estrutura e, portanto, mutável, e fechado em sua auto-organização, ou seja, que recria a si mesmo continuamente por uma dinâmica interna própria, autônoma.

Ainda que estejamos em constante interação com o meio e soframos sua influência, não somos por ele determinados. Capra (2005) reconhece que o sistema vivo é estruturalmente aberto, mas organizacionalmente fechado. Conforme Capra (2005, p. 51): “O ambiente só faz desencadear as mudanças estruturais; não as especifica nem as dirige”.

Ademais, há muitas curiosidades e mistérios em torno do fenômeno da vida e mais especificamente do fenômeno humano. Pelo fato de sermos um sistema fechado organizacionalmente, o ambiente nos influencia, mas não determina quem somos. Também não mudamos simplesmente porque queremos mudar. Não somos senhores de nós mesmos. Tampouco podemos controlar os rumos de nossas mudanças. Somos produtores de nós mesmos, mas ao mesmo tempo nossa vontade arbitrária é apenas mais um tijolo que integra essa complexa construção.

A nossa experiência compartilhada a respeito da ilusão da certeza e do controle

faz o mundo parecer menos aleatório, menos caótico. Parece-nos que a vida flui no contínuo refazer-se, num contínuo atualizar-se, no ato relacional de adaptar o meio e adaptar-se a ele. A perturbação do padrão obriga o ser vivo a renovar-se. Em outras palavras, a mudança nos impele a mudar.

Os seres vivos sofrem influências ambientais e também de sua dinâmica interna. As duas desencadeiam mudanças estruturais. Podemos mudar, mas não simplesmente segundo nossa vontade. Não podemos mudar simplesmente quando quisermos. E também não podemos mudar o outro, uma vez que o outro é também um sistema com organização fechada que produz a si mesmo continuamente. Uma discussão como essa traz consequências para os diversos campos da atividade humana, como, por exemplo, para o modo refletir e conceber a educação.

Um educador preocupado com essas questões poderá compreender que há razões profundas que explicam o fato de que não podemos a priori ensinar nada ao outro. Esse outro pode aprender o que quer que estejamos tentando ensinar, mas o fará segundo sua dinâmica própria (inclusive num tempo que lhe é próprio), filtrando, resignificando e por vezes até mesmo subvertendo aquilo que lhe tentamos ensinar.

Não é o plano de ensino ou a ação do professor, tomada isoladamente, que determina se, o que, e como, algo será aprendido. Há uma relação complexa em que múltiplos fatores intervêm. Isso as ciências sociais já o sabem há tempos. O que muitas vezes é ignorado é o fato de que um desses importantes fatores tem a ver com uma dinâmica interna própria

³ Série de TV exibida no Brasil pelo canal FOX.

do indivíduo que aprende. Desde os seus primórdios, tal dinâmica se constitui no seio da interação com o outro e o ambiente.

Muitas vezes quando quem se põe a ensinar algo nega dinâmica interna do indivíduo que se põe a aprender, ao invés de lhe auxiliar, dificulta-lhe o processo de aprendizagem. Quando as relações não sufocam em cada indivíduo imerso nas relações de ensino-aprendizagem a sua dinâmica interna, há possibilidades genuínas de que o aprendizado mútuo se dê na valorização das singularidades de cada ser humano envolvido nesse processo. Desse ponto de vista, vemos que, num contexto de ensino-aprendizagem, o máximo que um indivíduo pode fazer por outro não é ensinar-lhe algo, mas lhe auxiliar adequadamente em seu processo de aprendizagem.

Além disso, as descobertas sobre os sistemas vivos, encabeçadas por Gregory Bateson (1986), Maturana e Varela (2001) e Capra (2005), entre outros, alteram o modo como nos compreendemos e também dizem muito a respeito de nossa relação com os outros seres vivos, inclusive entre nós humanos. Tais descobertas impactaram não somente a biologia mas ainda as ciências de uma forma geral. Assim sendo, falar em autoconhecimento, por exemplo, implica reconhecer também nossa condição de sistema vivo, no qual estamos sujeitos a determinadas dinâmicas que fogem ao nosso próprio controle, e que, em alguma medida, podem ser influenciadas.

A ideia de estruturas dissipativas foi introduzida por Prigogine (2002, 2011). Esse cientista estudou o comportamento dos sistemas vivos quando estão operando longe do equilíbrio. A

concepção de que somos seres vivos com uma estrutura aberta provém desse estudo. Prigogine percebeu que quando longe do equilíbrio, o sistema muda pela dissipação de sua estrutura.

Esse fato aponta para uma dinâmica evolutiva. Somos uma rede autopoiética em constante processo de evolução até o “limiar da estabilidade” (CAPRA, 2005, p. 129). A instabilidade nos conduz até o nosso limite, ao caos de nós mesmos. Desse ponto em diante, de alguma forma, as forças da natureza nos mandarão a seguinte mensagem: evoluir ou morrer! Uma vez no limiar da estabilidade, não conseguimos mais voltar a sermos os mesmos. Encontraremos bifurcações ou a morte nos aguarda. Nesse ponto, a natureza vai sempre de novo encontrar um caminho para que a vida siga seu curso.

Bifurcação nos traduz a ideia de desvio, outra rota, um divisor de águas, outro curso que nos conduzirá ao imprevisível, à mudança, à evolução. No limiar da estabilidade, o que há de previsível é que algo não será mais como antes. Morin (2005) afirma que a desordem tende a dar início a uma nova ordem, ao passo que Capra define o ponto de bifurcação da seguinte maneira:

Trata-se de um ponto de instabilidade, do qual novas formas de ordem podem emergir espontaneamente, resultando em desenvolvimento e em evolução... um ponto de bifurcação representa uma dramática mudança da trajetória do sistema no espaço de fase⁴ (CAPRA, 2005, p. 143).

Emocionalmente, por vezes, também somos conduzidos ao caos de nós mesmos. Aí somos impelidos a bifurcar, encontrar ramificações, caminhos de vida. Geralmente

a natureza dá um jeito e então, evoluímos, mudamos. Precisamos de fluxo contínuo de energia para mantermos nossa ordem – algum nível de estabilidade – e então permanecermos vivos.

Somos sistemas complexos, que estamos em constante mudança, mas que não podemos determinar nossas mudanças segundo nossas vontades. Mudamos para sobrevivermos e, como nos lembra Capra (2005, p. 143), “a vasta rede de processos metabólicos mantém o sistema num estado afastado do equilíbrio e, através de seus laços de realimentação inerentes, dá origem a bifurcações e, desse modo, ao desenvolvimento e à evolução”.

Maturana (1998) afirma que nós nos constituímos como tais no espaço relacional. Somos um conjunto de relações e ao mesmo tempo estamos em relação com os outros. Vemos que as relações constituem a essência do mundo vivo. Assim sendo, falar de autoconhecimento implica necessariamente considerar a convivência, a relação com o outro, pois não podemos nos conhecer dissociados dos outros e do mundo que está ao nosso redor. Os estudos de Maturana (1998) também abriram novas reflexões a respeito da mente. Ele chegou à descoberta de que o fenômeno da mente é inseparável do fenômeno da vida.

Conforme Capra (2005), o processo mental como a memória, a tomada de decisões, é um fenômeno sistêmico, característico dos organismos vivos. Dialogando com o trabalho de Maturana, Capra (2005, p. 53) apresenta a seguinte definição de mente:

A mente não é uma coisa, mas um processo — o processo de cognição, que é identificado com o processo da vida. O cérebro é uma estrutura específica por meio da qual esse processo opera. Portanto, a relação entre mente e cérebro é uma relação entre processo e estrutura.

Essa afirmação nos permite compreender a cognição como processo constitutivo de nossa existência. Em outras palavras, o ato de conhecer é processo de vida. Por meio desse processo, estamos constantemente produzindo e incorporando nosso padrão de organização, gerando adaptação e, portanto, mudanças sutis. Somos imersos num contínuo processo de conhecimento, que se dá de forma relacional.

Vemos que o processo mental vai além do pensar (CAPRA, 2005). Envolve percepção, emoção e ação. Assim, a cognição não é um privilégio exclusivo do homem. E no próprio homem, não somente o cérebro é responsável pelo processo do conhecer. Quando conhecemos algo, nós o fazemos com o corpo que somos. Isso indica que o nosso conhecer está ligado à nossa experiência de vida, quando integramos sentimento, pensamento e ação. Conforme Capra (2005, p. 146):

O cérebro não é, naturalmente, a única estrutura por meio da qual o processo de cognição opera. Toda a estrutura dissipativa do organismo participa do processo da cognição, quer o organismo tenha ou não um cérebro e um sistema nervoso superior.

Na qualidade de seres vivos, somos seres cujo comportamento é determinado por nossa estrutura (CAPRA, 1997, 2005).

⁴ Prigogine também afirma que o conhecimento das estruturas dissipativas pode ser utilizado para auxiliar na compreensão dos processos sociais. Para ele, a história é uma sucessão de bifurcações.

Temos uma história marcada, gravada em nossa estrutura. Somos história ambulante, que anda, pensa, sente e fala. Somos o registro vivo de nossas interações com o meio. Dito de outro modo, as relações com os outros – ainda que muitas vezes não percebamos – afetam-nos significativamente a ponto de nos deixar marcados. Carregamos conosco nossa própria história e ao mesmo tempo somos essa própria história. Capra também afirma que:

À medida que continua interagindo com o ambiente, o organismo vivo sofre uma sequência de mudanças estruturais e, com o tempo, acaba por formar o seu próprio caminho individual de acoplagem estrutural. Em qualquer ponto desse caminho, a estrutura do organismo sempre pode ser definida como um registro das mudanças estruturais anteriores e, portanto, das interações anteriores. Em outras palavras, todos os seres vivos têm uma história. A estrutura viva é sempre um registro dos desenvolvimentos já ocorridos (CAPRA, 2005, p. 51).

Cada nova atualização de nosso organismo é um recontar de nossas histórias. A compreensão de nossa mente como processo, atividade mental, oferece amplo espaço para discussões a respeito da cognição como processo de vida. Discutindo as descobertas de Maturana e Varela (2001), Capra (2005, p. 51) também observa que:

À medida que o organismo vivo responde às influências ambientais com mudanças estruturais, essas mudanças, por sua vez, alteram o seu comportamento futuro. Em outras palavras, o sistema que se liga ao ambiente através de um vínculo estrutural é um sistema que aprende. A ocorrência de mudanças estruturais

contínuas provocadas pelo contato com o ambiente – seguidas de uma adaptação, um aprendizado e um desenvolvimento também contínuos – é uma das características fundamentais de todos os seres vivos.

Nossa vida seria então um contínuo processo de aprendizagem, em que estamos constantemente adaptando nosso comportamento com base nas determinações de nossa estrutura e nas influências e perturbações decorrentes de nossa relação com o outro e com o meio.

Estamos vivendo e aprendendo, como diz um ditado popular. Somos aprendentes, ainda que por vezes não tenhamos uma compreensão global sobre nosso processo de aprendizagem. Se algo é vivo, está em constante aprendizagem. Essas aprendizagens nos afetam, modificam-nos e ficam registradas na história de nosso devir estrutural. Estamos condenados a nos fazer na relação com o outro, de forma que precisamos desse outro para sermos o que somos (CYRULNIK, 2009).

A experiência humana encontra sua realização mais plena no encontro com o outro. É a partir da relação que se constrói no encontro com o outro que uma trama de possibilidades poderá ser desenvolvida. Se precisamos do outro para nos tornarmos nós mesmos, é no encontro com esse outro que o eu irá construir um conjunto misterioso de interações humanas cujo sentido aparentemente se faz imprevisível, até que o aconteça, até que o construamos. Perante os outros construímos nossas identidades.

Para Morin (1994), a constituição da identidade do ser sujeito está implicada numa relação complexa entre sua

organização biológica, sua dimensão cognitiva, seus processos de computação, ancorados em princípios de exclusão e de identidade. Antes de empreender elaborações mais complexas, os indivíduos, como outros seres vivos, realizam um processo de distinção no qual se diferenciam uns dos outros, operando uma distinção entre o eu e os não eu. O sujeito reconhece os outros ao reconhecer a si mesmo. Para tanto, processa informação do ambiente, de modo que possa identificar ameaças, oportunidades, enfim, de modo que possa situar-se num contexto mais amplo. De algum modo “temos um ser, um ser-máquina que é um ser ‘computante’” (MORIN, 1994, p. 48).

Daí decorre que, desde os níveis mais simples aos mais complexos, o sujeito necessita exercitar uma compreensão distintiva a respeito de si, de seu ambiente e dos outros, como um imperativo de sobrevivência. Sem processar as informações do meio e adaptar seu comportamento, a própria vida dos sujeitos vê-se ameaçada. Morin (1994) chama esse processo de autoexorreferência, e sobre isso afirma que: “Esse processo de auto-exo-referência é o que é constitutivo da identidade subjetiva. E assim se opera a distinção entre si/não-si, mim/não-mim, entre o eu e os outros eus” (MORIN, 1994, p. 50).

A interação no espaço relacional, nossa relação com o outro também pode perturbar nossos padrões organizativos, assim como também pode simplesmente confirmá-los e mantê-los. Segundo Krishnamurti (1953), as mudanças sutis muitas vezes apenas confirmam o nosso padrão. Esse autor sustenta que somos seres condicionados e que por medo da mudança – de novo a questão do apego à ilusão da certeza e do controle – agimos

ou nos omitimos para confirmar nosso condicionamento.

Corremos o risco de ficar tão familiarizados, que apenas quando uma desordem perturba nosso condicionamento é que podemos nos aperceber enquanto seres amoldados a um padrão. Segundo Krishnamurti (1953, p. 31):

Você só perceberá por si mesmo o quanto está condicionado quando um conflito se manifestar na continuidade do prazer ou na fuga da dor. Se tudo ao redor de você decorre de maneira perfeitamente feliz, a sua esposa o ama, você a ama, tem uma bonita casa, filhos interessantes e dinheiro à farta, nesse caso você não está consciente do seu condicionamento. Mas quando surge uma perturbação, quando sua esposa olha para outro homem, ou você perde sua fortuna, ou se vê ameaçado pela guerra ou por qualquer outra coisa que cause dor ou ansiedade – então você saberá que está condicionado. Quando luta contra uma perturbação qualquer ou se defende de uma dada ameaça exterior ou interior, você sabe então que está condicionado. [...] essa nossa própria perturbação indica que estamos condicionados.

O trabalho de Atlan (2004) discute a respeito da compreensão daquilo a que ele chama de determinismos. Ajuda-nos a compreender como esses mecanismos agem nas pessoas. Temos, portanto, que o ser humano, segundo Atlan (2004), está imerso numa ampla teia de determinismos que condicionam nossos comportamentos e ações, afetando, portanto, todos os nossos relacionamentos.

Atlan (2004) faz uma leitura de que não haveria como alcançar a liberdade total frente aos determinismos que nos

envolvem em praticamente tudo em nossas vidas. Nessa perspectiva, sugere que:

Os dispositivos hoje observáveis no nível endócrino mostram como alguns de nossos comportamentos e pensamentos e, *a fortiori*, alguns de nossos sentimentos e paixões são determinados por fenômenos biológicos de toda ordem (sem contar os mecanismos sociais, psicológicos, linguísticos com os quais interagem). A ideia de que tínhamos capacidade para decidir livremente nossos atos sofreu um abalo (ATLAN, 2004, p. 19).

Ao mesmo tempo que somos livres, também somos seres determinados, condicionados em nossos comportamentos, pensamentos, vontades e, consequentemente, ações. Historicamente o ser humano empreende esforços para controlar o seu semelhante e também a natureza, de uma forma geral. Muitos de nós ainda acredita ser possível planejar o destino dos seres vivos e fazê-lo acontecer segundo esse planejamento.

A discussão a respeito do determinismo sempre é acompanhada implícita ou explicitamente da questão da liberdade. Segundo Capra (2005), as descobertas de Maturana e Varela (2001) alteram significativamente o debate acadêmico a respeito do determinismo e, consequentemente, da liberdade. Conforme Capra (2005, p. 52):

Essa noção de determinismo estrutural lança nova luz sobre o antiquíssimo debate filosófico acerca da liberdade e do determinismo. Segundo Maturana, o comportamento do organismo vivo é, de fato, determinado. Porém, não é determinado por forças exteriores, mas pela estrutura do próprio organismo – uma estrutura formada por uma sucessão de mudanças estruturais autônomas. Assim, o comportamento do organismo vivo é ao mesmo

tempo determinado e livre. Os sistemas vivos, portanto, respondem autonomamente às perturbações do ambiente. Respondem a elas com mudanças na sua própria estrutura, ou seja, com um rearranjo do padrão de ligações da sua rede estrutural.

Somos autônomos em relação a nós e ao ambiente a ponto de nós mesmos não termos governo sobre nossas próprias mudanças, assim como os outros também não conseguem exercer sobre nós esse poder, pois temos uma dinâmica própria, um jeito próprio de ser, de sentir e relacionar com o ambiente, de mudar.

Depois dessas descobertas a respeito dos seres vivos, vemos que a crença humana na existência ilimitada de uma liberdade de ação e de escolha – pelo menos para aqueles que enfrentam com seriedade esta questão – foi abalada. Podemos crer sermos simplesmente livres, possuir uma liberdade irrestrita no campo da ação e das escolhas. Isso nos ajuda a confirmar nossa vontade de controlar nossas ações e as dos outros, controlar a natureza.

Entretanto, se considerarmos o que diz Maturana e Varela (2001) e Capra (1997, 2005), vemos que tal crença é fundamentalmente ilusória, pois nossas escolhas e ações já estão como que pré-configuradas num campo de possibilidades determinado por nosso devir estrutural. Somos livres para escolher e agir, mas dentro de um menu preestabelecido pela história não-linear de nossas interações com o outro e com o meio. Há condições históricas que possibilitam e também limitam nossas ações.

Na tentativa de também contribuir para esse debate, Atlan (2004) usou o termo livre necessidade para demonstrar que o humano experimenta a liberdade

como um estar atento, um ser sujeito de sua própria experiência, tendo inclusive a consciência de seus determinismos. Isso pode ser observado nas próprias palavras de Atlan (2004, p. 40, grifo nosso), quando afirma que:

A experiência dessa livre necessidade supõe, ao contrário [*do determinismo*], uma intensa atividade de nosso espírito e de nosso corpo. Podemos experimentar essa liberdade em certos momentos privilegiados, como, por exemplo, ao compreendermos alguma coisa. É quando sou ativo que tenho a experiência de ser sujeito daquilo que sou e daquilo que faço. Sou sujeito não como um império em um império, que escapa ao determinismo, mas enquanto compreendo e conheço os determinismos da natureza que agem em mim e que me fazem agir. É nessa atividade que me constituo enquanto sujeito.

Parece que Atlan (2004) sustenta que, apesar de haver mecanismos que podem chegar inclusive a determinar grande parte dos comportamentos humanos, é possível conhecer esses mecanismos e então poder lidar com essa situação de forma a talvez não se livrar totalmente deles, mas poder empreender outras escolhas, dentro de um campo maior – ainda que limitado – de possibilidades. O próprio Atlan (2004, p. 46) afirma que: “Mesmo que, em teoria eu saiba que sou determinado, ainda assim construo a experiência da livre escolha”.

A experiência denominada por Atlan (2004) de livre necessidade nos parece estar relacionada com a consciência reflexiva, com a capacidade do ser humano de refletir sobre si mesmo. A experiência do indivíduo sobre si mesmo está sendo compreendida como caminho para

liberdade, nas seguintes palavras de Atlan (2004, p. 49):

À medida que temos acesso mais preciso a esses determinismos, nosso sentimento de liberdade se modifica. Da sensação infantil de poder fazer escolhas arbitrárias, passamos, pouco a pouco, à aceitação daquilo que se faz em nós. É essa anuência que vai propiciar a experiência da verdadeira liberdade.

Tanto as ideias de Atlan (2004) quanto de Krishnamurti (1953), apesar das substanciais diferenças entre seus argumentos e reflexões, parecem defender que a liberdade é fundante, balizadora nesse processo cognitivo que é o viver humano. Krishnamurti (1953) anuncia de modo explícito que compreende o autoconhecimento como caminho para a experiência humana chamada de liberdade, por meio do seguinte argumento:

A liberdade só nasce com o autoconhecimento, nas ocupações de cada dia, isto é, em nossas relações com as pessoas, coisas, ideias e a natureza. [...] A compreensão do processo total da existência traz a integração. Quando há autoconhecimento, extingue-se a capacidade de criar ilusões e só então é possível manifestar-se a realidade... (KRISHNAMURTI, 1953, p. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como os demais seres vivos, nós, humanos, somos redes complexas e nos construímos na relação com os outros e com o meio num processo contínuo de cognição que gera aprendizado e

mudança. Daí podemos aprender que é preciso que compreendamos o processo da vida em sua profundidade e complexidade. Um olhar disjuntivo não responde mais ao nosso anseio por sabermos quem realmente somos.

Embora o ser humano não tenha como arbitrariamente determinar suas mudanças, embora não possa eleger como e quando mudar; resta-lhe a possibilidade de perturbar o padrão, questionar os seus lugares comuns e sair, pelo menos quando possível, de suas zonas de conforto. O ato consciente da busca do conhecimento de si pelos humanos – que para isso mobilizam saberes provenientes das artes, das ciências, das mitologias e das religiões – representa a perturbação do padrão auto-organizativo que reproduzimos, como parte do processo de vida. A perturbação impele mudanças que reconfiguram o sistema, altera quem somos.

Possuímos também a capacidade de refletirmos sobre nós mesmos, de, na linguagem, atribuímos sentido às nossas próprias experiências e assim compreendermos por aproximação os condicionamentos e possibilidades que nos fazem, que se fazem em nós, e fazem de nós seres que experimentam a sensação de liberdade à medida que avançamos em nosso processo de autoconhecimento.

Em linhas gerais, este trabalho macula as fronteiras sagradas estabelecidas nas ciências, que impedem ou dificultam a religação entre os saberes. Mobilizar saberes de outras ciências como a física, a química e a biologia não é bem visto nas ciências sociais (tal como o inverso também não é bem aceito nas ciências naturais). É geralmente encarado como heresia sociológica.

No entanto, onde quer que haja relações humanas, haverá seres que, quando conduzidos ao limite de sua estabilidade, respondem às perturbações do ambiente e das relações mudando a si mesmos. Essas mudanças alteram as relações e, portanto, alteram os fenômenos sociais de maneiras específicas e imprevisíveis, porém, compreensíveis. Isso nos convida a ponderar ou reintegrar nossas teorias sociológicas e nossas formas de abordar os fenômenos e de deles nos aproximarmos.

REFERÊNCIAS

ATLAN, Henri. **A ciência é inumana?** ensaio sobre a livre necessidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2004.

BATESON, Gregory. **Mente e natureza:** a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

CYRULNIK, Bóris. **De corpo e Alma:** a conquista do bem-estar. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GLEICK, James. **Caos:** a criação de uma nova ciência. 18. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

KRISHNAMUTRI, J. **A educação e o significado da vida.** Tradução de Hugo Veloso. São Paulo: Cultrix, 1953.

LAWRENCE, Francis (Dr.). **Touch.** Produção de Dennis Hammer. Twentieth Century Fox Film Corporation, 2012. DVD.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MORIN, Edgar. **O método: a natureza da natureza.** Porto Alegre: Sulina, 2005. v. 1.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos.** São Paulo: UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.